

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC

CURSO DE ARTES VISUAIS

CLARICE DA SILVA NASCIMENTO

**A ARTE QUE ME HABITA: REFLEXÕES SOBRE O ENSINO DA ARTE NA
FORMAÇÃO DO SUJEITO**

CRICIÚMA

2015

CLARICE DA SILVA NASCIMENTO

**A ARTE QUE ME HABITA: REFLEXÕES SOBRE O ENSINO DA ARTE NA
FORMAÇÃO DO SUJEITO**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de licenciada no Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientadora: Profa. Dra. Aurélia Regina de Souza Honorato

CRICIÚMA

2015

CLARICE DA SILVA NASCIMENTO

**A ARTE QUE ME HABITA: REFLEXÕES SOBRE O ENSINO DA ARTE NA
FORMAÇÃO DO SUJEITO**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Licenciada no Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Educação e Arte.

Criciúma, 23 de novembro de 2015

BANCA EXAMINADORA

Profa. Aurélia Regina de Souza Honorato -Doutora - (UNESC) - Orientadora

Profa. Kátiuscia Angélica Micaela de Oliveira-Mestre - (UNESC)

Profa. Edite Volpato Fernandes - Mestre - (UDESC)

**Dedico essa pesquisa a Deus que com seu
amor me levou a lugares impossíveis.**

AGRADECIMENTOS

Gratidão, uma palavra simples que neste momento transborda emoções e sentimentos com aqueles que estiveram comigo mesmo nos momentos difíceis. Em primeiro lugar minha gratidão é para Deus o todo poderoso que nos momentos em que mais precisei me carregou em seus braços para que eu não pisasse em espinhos me levando aos lugares impossíveis. Me fez uma vencedora.

Meu esposo Rodrigo por estar sempre presente, sendo um pai exemplar, amigo, companheiro, e nos momentos difíceis sempre está comigo me incentivando a nunca desistir.

Agradeço aos meus pais por me darem força, coragem, e de estarem sempre presentes neste caminho, com suas palavras de carinho e amor. Quero dizer neste momento que sempre farei de tudo para vocês estarem sempre presentes em minha vida, amo vocês.

Minha gratidão neste momento vai para minha irmã Marcela, meu irmão Elder e sua família, dizendo que vocês são muito especiais e que estarei sempre disposta a fazer o impossível para ver vocês felizes.

O maior presente que Deus me deu minhas filhas lindas Gabriela e Caroline, a maior emoção que jamais poderei explicar foi o de ser mãe, obrigado por vocês estarem sempre comigo.

Aos meus colegas de turma, em especial quem esteve sempre presente não deixando que eu desistisse: minhas colegas Débora, Lidiane, Mariane e Tamires, vocês são as meninas dos olhos de Deus e neste momento peço que ele abençoe a cada uma de vocês realizando cada sonho e desejo e que nas lutas ele possa se tornar seu escudo e fortaleza, vocês estarão sempre em meu coração.

Coragem, dedicação, respeito, carinho, compreensão e em especial o amor, o amor de ter a certeza de que serei uma professora, essas são as marcas que vocês professores e professoras deixaram em meu ser, minha eterna gratidão.

Admiração é o que sinto por ela. Carismática, carinhosa, amiga, mãe, professora doutora. Palavras não descreverão o quanto ela é especial, minha orientadora Aurélia obrigada por fazer parte da minha história que não ficará só registrada em palavras escritas em papel, mas também em meu ser, meu agir, meu viver.

“A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca”.

Jorge Larrosa

RESUMO

A seguinte pesquisa, que tem como problema: como os alunos do ensino fundamental levam o ensino de arte para casa? E na sua casa tem lugar para a arte? Foi realizada com alunos do Ensino Fundamental em duas escolas de Criciúma. Como procedimento metodológico foram realizadas conversas gravadas, que foram analisadas, especialmente as falas que giraram em torno das reflexões sobre o ensino da arte, sobre a arte na escola e sobre a arte em nossa cidade. Para fundamentar este estudo, trago para o diálogo autores como Ferraz e Fusari (2009), Larrosa (2002), Honorato (2015) Leite (2008), com teorias que versam sobre o ensino de arte, a experiência, a experiência estética e a cidade como espaço de formação cultural. O objetivo geral foi refletir sobre o ensino de arte, ampliando assim conhecimentos sobre o que a arte proporciona na formação do sujeito. Consegui perceber nessa trajetória de conversas, pesquisas e estudos que os alunos sabem o que é arte e com seu olhar percebem a arte em suas linguagens, mas ainda é comum recebê-las na escola apenas como conteúdos repetidos de desenhos e pintura. A pesquisa aponta para a emergente necessidade do ensino da arte que é a de proporcionar aos alunos, professores e comunidades espaços para que a experiência aconteça e que cada vez mais contribua na formação do sujeito sensível.

Palavras-chave: Ensino da arte. Experiência. Formação do sujeito.

SUMÁRIO

1 EM BUSCA DE SABERES E REFLEXÕES	11
1.1 TRAÇANDO CAMINHOS: COMO TUDO ACONTECEU.....	13
2 UMA PASSAGEM NA HISTÓRIA DO ENSINO DA ARTE: LEMBRANÇAS E MEMÓRIAS EM MEU VIVER.....	15
3 O QUE ME TOCA, O QUE ME PASSA O QUE ME ACONTECE: FORMAÇÃO DO SUJEITO COM A EXPERIÊNCIA E A EXPERIÊNCIA ESTÉTICA.....	22
4 ESCOLA, CIDADE, CASA: A ARTE QUE ME HABITA.....	26
5 ENTRE CONVERSAS, DIZERES E REFLEXÃO: O CAMPO.....	33
6 PROPOSTA DE CURSO: A CIDADE QUE ME HABITA.....	43
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS: UM BARCO EM ALTO MAR.....	46
REFERÊNCIAS.....	48
APÊNDICE.....	50

1 EM BUSCA DE SABERES E REFLEXÕES

A arte faz parte das nossas vidas desde a infância. É com ela que começamos a criar os primeiros rabiscos, com lápis, batom, giz e tudo com o que é possível deixar marcas. Quando entramos na pré-adolescência esquecemos dos rabiscos, e mergulhamos em um mundo de contos de fadas à espera de um príncipe encantado, e é quando a vaidade toma conta do nosso ser e o que um dia foi um rabisco para nós, agora precisa ter traços perfeitos.

Sempre fui uma criança tímida. Na escola me achava sempre inferior aos outros colegas e quando chegava à aula de Educação Artística¹ eu adorava desenhar sol, montanhas, flores e corações. Preparar cartão para o dia das mães, para o dia dos pais e assim me sentia feliz por me expressar para quem eu mais amava. Essa foi minha experiência na infância com a arte. Na adolescência deixei os estudos, e voltando após longos anos finalizei a Educação Básica por meio de um Curso Supletivo². Na sequência busquei me encontrar frequentando cursos técnicos em diferentes áreas, mas nada me preenchia.

De repente é como se eu saísse de um coma e me viessem várias perguntas: Artes? Artes Visuais? O que seria? Para que serve? E em certo momento meu sol poderia ser azul e meu céu cor-de-rosa. Foi essa a sensação que senti quando comecei o curso de graduação em Artes Visuais. Em meio a tantas perguntas e confusão mergulhei em um mundo que me possibilitaria ver as coisas ao meu redor de uma maneira diferente: “A arte nos leva para outros mundos, outras sensações, outros sentimentos. Ela não mexe só com nossa cognição, mas com nossos afetos e, por isso, nos afeta” (Leite 2008, p. 63).

Tudo tinha um significado e nada aconteceria por acaso, e as aulas de Artes que tive na escola, desenho livre, coração, sol, montanhas, isso não fazia mais parte do meu dia-a-dia. Cada disciplina uma novidade; a cada semestre superação e um sentimento de que eu estava indo no caminho certo.

Tudo era novo e seguro até que, então, chegou à hora de ir para sala de aula nos estágios obrigatórios. Um frio na barriga surgiu, a responsabilidade de levar um ensino transformador, um aprendizado significativo tomou conta de mim e a

¹Lei nº 5.692/71, Em 1971, pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a arte é incluída no currículo escolar com o título de Educação Artística.

²Em 1971, com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (n.º 5.692/71), foi implantado o ensino supletivo.

curiosidade foi surgindo e com várias perguntas: Os alunos irão entender a minha metodologia? Qual a reação deles com meu projeto? Será que ele é diferente de tudo que viram em sala de aula? Minhas dúvidas foram se desfazendo, pois a cada projeto meus objetivos foram alcançados. Busquei levar aos alunos àquilo que nunca tive nas minhas aulas de Educação Artística³: Artistas locais, história da cidade, identidade, o cotidiano. Temas e conteúdos que abriram possibilidades para os alunos se expressarem, criarem e terem experiências que fazem parte de sua cultura. A cada estágio percebi que além de propor aprendizagens eu estava aprendendo junto com eles. A experiência que tive como estagiária me deixou ainda mais confiante de que o ensino da arte é meu novo mundo. As sensações que tive em sala de aula foram muitas. É como se eu tivesse voltado no tempo, o cheiro da sala de aula, o quadro com giz, o cheirinho da merenda na hora do recreio. Me senti tão feliz que precisei muitas vezes me concentrar para começar minhas atuações nos estágios.

E naquele momento de tantas sensações percebi que a minha casa que não tinha teto, não tinha chão, não tinha nada se transformou em uma nova construção onde pude firmar meu alicerce com aprendizagem, o chão com experiência, o meu teto revestido de confiança e o ensino da arte fariam parte de toda a decoração, pois acredito que ela está presente até nos mínimos detalhes.

Na disciplina de Estágio II tive a oportunidade de atuar no 6º ano do Ensino Fundamental, senti a energia dos alunos e a necessidade que eles tinham de se aproximar mais da arte, pois esse ensino estava passando quase despercebido diante deles. Pensando nestas experiências e na potência da arte na escola apresento o problema desta pesquisa sobre arte: Como os alunos do ensino fundamental estão levando o ensino da arte para casa? E em suas casas têm lugar para a arte?

Ao lembrar-me de casa logo me vem à memória janelas, portas, cômodos, móveis e tudo que há de concreto nela, mas também penso em casa como meu ser, meu viver, meu pensar e agir. Considerando que o ensino da arte proporciona ao aluno reflexão sobre si e sobre o mundo que o rodeia percebe-se que a escola abre possibilidades de diferentes encontros com a arte. E como os alunos estão recebendo a arte? De que forma eles levam esse ensino para sua casa? A escola

³Lei nº 5.692/71, Em 1971, pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a arte é incluída no currículo escolar com o título de Educação Artística.

permite que a arte chegue em casa? E qual o papel do ensino da arte na escola? Estas são algumas questões norteadoras que tracei para atingir meu objetivo geral que foi o de refletir sobre o ensino de arte, ampliando assim conhecimentos sobre o que a arte proporciona na formação do sujeito.

1.1 TRAÇANDO CAMINHOS: COMO TUDO ACONTECEU

A pesquisa envolve diversos processos que se entrelaçam em busca de solucionar problemas e de construção de novos conhecimentos. Gil (2007, p.17) nos coloca que “[...] A pesquisa desenvolve-se por um processo constituído de várias fases, desde a formulação do problema até a apresentação e discussão dos resultados”. Como acadêmica do Curso de Artes Visuais Licenciatura me entrelacei não somente em busca de solucionar problemas, mais sim em busca de conhecer o desconhecido, de viver e vivenciar tudo que a pesquisa proporciona, desde os acertos até os erros, o que me faz concordar com Moreira (2008, p.25) quando diz:

[...] pesquisa coincide com a vontade de viver, de sobreviver, de mudar, de transformar, de recomeçar. Pesquisar é demonstrar que não se perdeu o senso de alternativa, que a esperança é sempre maior que qualquer fracasso, que é sempre possível reiniciar.

A presente pesquisa intitulada *A arte que me habita: reflexão sobre o ensino da arte e a formação do sujeito se inscreve* na Linha de Pesquisa Educação e Arte do Curso de Artes Visuais Licenciatura. Quanto à abordagem do problema a pesquisa é qualitativa, “(...) A pesquisa qualitativa não se baseia no critério numérico para garantir sua representatividade” (MINAYO, 2000, p. 43).

Sendo a pesquisa vida, mudança e transformação foi utilizado o método da cartografia que Paulon; Romagnoli (2010, p.98) definem como “Um mapa aberto que se vai desenhando pelas conexões que o campo de pesquisa ofertar, não esquecendo jamais que nele se incluem as implicações do próprio pesquisador, ou seja, seus desejos, perguntas, curiosidades, verdades”. A cartografia me fez ver com outros olhos a pesquisa realizada. Percebi que à medida que fui caminhando nas teorias e experiências, fui traçando outros percursos que me possibilitaram uma desconstrução e uma construção ao mesmo tempo, pois a pesquisa foi se mapeando, se desenvolvendo, em meio a tempestades, ventos, erros e acertos. De acordo com Giovanella (2008, p.90)

As tempestades reviram as coisas, os olhares e os corpos, seus ventos fortes podem unir destruição e produção ao mesmo tempo, pois, desorganizando, obrigam-nos a uma nova organização. Na cartografia, o mundo recriado não é outro somente porque reinventado, mas porque penetra o indivíduo podendo modificá-lo.

A presente pesquisa se estrutura em três capítulos que trazem um trajeto de idas e vindas entre a busca de leituras e conexões sobre o ensino da arte e a formação do sujeito e a experiência de aventurar-me como pesquisadora.

2 UMA PASSAGEM NA HISTÓRIA DO ENSINO DA ARTE: LEMBRANÇAS E MEMÓRIAS EM MEU VIVER

O ensino da arte tem seu caminho marcado por lutas e conquistas. Marcas estas que estão presentes nas formas de aprendizagem, nas adoções de tendências pedagógicas, no espaço das leis que possibilitaram-nos dar passos importantes. Marcas que contam a história do ensino da arte no Brasil.

Em uma investigação sobre o percurso do ensino da arte na história, trago a partir de Ferraz e Fusari (2009), informações que apontam que nas primeiras décadas do século XX no Brasil o ensino de artes era voltado para o desenho. Este ensino tinha como finalidade formar os alunos profissionais para a indústria. O desenho então era conteúdo obrigatório com os objetivos de desenvolver habilidades gráficas, técnicas e o domínio da racionalidade. Neste ensino também estava presente a ideia da formação do pensamento estético da beleza e do bom gosto.

Essa forma de ensinar é característica da pedagogia tradicional onde o aluno tinha como obrigação seguir as regras impostas pelos professores que buscavam formar cidadãos capazes para entrar no mercado da industrialização. Os professores autoritários se preocupavam mais com o bom resultado em detrimento do desenvolvimento do aluno. Para isso, nos seus conteúdos desenvolviam atividades como as cópias de desenhos, desenhos geométricos, atividades de repetição. O intuito era de exercitar o olho, a mão, a inteligência, a memorização, o gosto e em nenhum momento valorizavam o poder dos alunos de criar e explorar essas habilidades. De acordo com os PCN.

Na escola tradicional, valorizavam-se principalmente as habilidades manuais, os “dons artísticos”, os hábitos de organização e precisão, mostrando ao mesmo tempo uma visão utilitarista e imediatista da arte. Os professores trabalhavam com exercícios e modelos convencionais selecionados por eles em manuais e livros didáticos. O ensino de Arte era voltado essencialmente para o domínio técnico, mais centrado na figura do professor; competia a ele “transmitir” aos alunos os códigos, conceitos e categorias, ligados a padrões estéticos que variavam de linguagem para linguagem, mas que tinham em comum, sempre, a reprodução de modelos (BRASIL, 1997.p. 22).

Ainda a partir de Ferraz e Fusari (2009) a oportunidade de os alunos poderem se expressar nas aulas de Artes surgiu entre os anos 40 e 70, onde com o

movimento da Escola Nova a expressão foi destacada como um dado pessoal e particular que os alunos manifestavam em todas as atividades, as quais passam de aspectos intelectuais para afetivos. A partir dessa época o aluno era visto como um ser criativo, onde deveria ter todas as oportunidades de expressão artística, expressão livre, desenhos espontâneos, e o ensino de arte foram direcionados para o desenvolvimento natural do aluno. Sobre esta questão os PCN dizem:

As práticas pedagógicas, que eram diretivas, com ênfase na repetição de modelos e no professor, são redimensionadas, deslocando-se a ênfase para os processos de desenvolvimento do aluno e sua criação. As aulas de Desenho e Artes Plásticas assumem concepções de caráter mais expressivo, buscando a espontaneidade e valorizando o crescimento ativo e progressivo do aluno. As atividades de artes plásticas mostram-se como espaço de invenção, autonomia e descobertas, baseando-se principalmente na auto-expressão dos alunos. (BRASIL, 1997. p. 23).

Com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira nº 4024 de 20 de dezembro de 1961, o ensino da arte é incluído no currículo escolar não como matéria, mas sim como prática educativa e dez anos depois juntamente com a pedagogia tecnicista no Brasil é firmada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira Nº 5.692/71 incluindo a Educação Artística no currículo escolar, sendo que os professores que atuavam em seus conhecimentos específicos como Desenho, Música, Canto Coral, Artes Aplicadas e Trabalhos Manuais viram seus saberes serem transformados em meras atividades artísticas.

Os professores de Desenho, Música, Trabalhos manuais, Canto Coral e Artes Aplicadas, que vinham atuando segundo os conhecimentos específicos de suas linguagens, viram esses saberes repentinamente transformados em “meras atividades artísticas”. Desde a sua implantação, observa-se que a Educação Artística é tratada de modo indefinido, o que fica patente na redação de um dos documentos explicativos da lei, ou seja, o parecer n.540/77: “não é uma matéria, mas uma área bastante generosa e sem contornos fixos, flutuando ao sabor das tendências e dos interesses”. (FERRAZ & FUSARI, 2010. p. 39-40).

Neste momento a Educação Artística é tratada de um modo indefinido, deixando os professores despreparados onde seguiram seu planejamento com livros didáticos, apostilas e manuais curriculares dando ênfase para o processo técnico, transformando assim suas aulas em planejamentos mecanizados ao invés de ser algo prazeroso. De acordo com Honorato(2015.p.27).

Nessa situação, e sentindo-se inseguros e despreparados, os professores e professoras apoiam-se em livros didáticos disponíveis nas bibliotecas. Livros estes com pouca base teórica para fundamentar as ações e com muitos exemplos de atividades descoladas do contexto da escola, do professor e do aluno.

A Tendência Progressista também faz parte da história do ensino de arte no Brasil. Juntamente com a Pedagogia Tradicional, Escolanovista e Tecnicista a Tendência Realista Progressista aponta para uma análise crítica das realidades sociais e uma educação onde visava à conscientização crítica e liberdade da opressão autoritária dando-lhe a capacidade de manifestar-se perante a sociedade.

A escola, nessa perspectiva realista progressista deve ser valorizada e deve, na sua prática, reconhecer e considerar o seu entorno. O processo educativo deve ser eficaz e seus métodos precisam superar os métodos tradicionais promovendo a iniciativa do aluno e do professor em diálogo com a cultura acumulada historicamente, mas sem perder de vista a sistematização lógica dos conhecimentos (HONORATO, 2015.p.27).

A Tendência Realista Progressista é atualmente conhecida como Pedagogia Libertadora e Pedagogia Histórico-Crítica que, apresentada por Paulo Freire e Dermeval Saviani, apontam a educação e a cidadania como fonte de conhecimento onde juntos proporcionam através de ações sociais e conhecimentos culturais uma aprendizagem significativa e participativa. A escola passaria a valorizar métodos de ensino eficazes e novos, abrindo espaço para a comunicação de professores e alunos, dialogando com a cultura histórica, percebendo no aluno a aprendizagem, interesse e desenvolvimento psicológico, visando no professor e no aluno como agentes sociais.

Ao investigar a história do ensino da arte me veio à memória o que presenciei e vivenciei muitas vezes nas aulas de Educação Artística que tive em meu tempo de escola que foi entre 1987 a 1994. Eram aulas baseadas na recreação onde as brincadeiras eram de montar quebra-cabeça, pintar desenhos mimeografados com flores e animais, e as datas comemorativas, como dia das mães, dia dos pais, eram frequentemente utilizados pela professora que ministrava todas as disciplinas.

Seguindo este percurso o papel de Ana Mae Barbosa contribuiu para a história do ensino da arte apresentando reflexões nessa área e possibilitando um bom desenvolvimento na arte. Sua proposta é a conhecida Proposta Triangular que

busca três etapas do conhecimento em arte como: o fazer artístico, a análise de obras e a história da arte. De acordo com Honorato (2015, p.31)

A partir do ano de 1987 surge no cenário nacional um grande movimento chamado Arte-Educação liderado por Ana Mae Barbosa e que apresentou aos professores e professoras de Artes uma revolucionária maneira de aliar a história da arte, a análise das obras ou objetos de arte e o fazer artístico. A essa nova forma de ensinar arte chamou-se Metodologia Triangular, hoje mais conhecida como Abordagem Triangular ou Proposta Triangular.

Estudos e pesquisas em torno da arte necessitavam se concretizar e foi em 1996 com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional LDBN nº 9.394/96 a Educação Artística passa a ser Ensino de Artes nas escolas sendo obrigatória nos diversos níveis de educação básica de acordo com Brasil (1997)

Com a Lei n. 9.394/96, revogam-se as disposições anteriores e Arte é considerada obrigatória na educação básica: O ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos (art. 26, § 2o).

Organizados entre eixos norteadores de aprendizagem e saberes como: produção em arte, fruição e reflexão, também passou a incluir as quatro linguagens artísticas como Artes Visuais, Dança, Música e Teatro, a proposta era que todos os estudantes tivessem acesso a essas modalidades artísticas.

A proposta de Ana Mae teve grande influência no ensino da arte no país, inclusive na Proposta Curricular de Santa Catarina (1998), que teve a participação de especialistas e professores para a elaboração do documento que apresenta que “um ensino da arte significativo compreende o objetivo artístico a partir de três áreas do conhecimento: a produção, a fruição e a contextualização (das linguagens visuais, musical e cênica)” (SANTA CATARINA, 1998 p.194).

Esta proposta também é separada em nível de ensino e contempla uma lista de conteúdos para cada linguagem artística e tem como base metodológica a perspectiva histórico-cultural onde o aluno é considerado um ser pensante que ao ter contato com as obras artísticas tem possibilidades de ter experiências estéticas pelo acesso aos bens culturais que lhe pertencem e as demais culturas percebendo assim os seus sentidos e significados.

Em continuação à investigação sobre a história do ensino da arte trago Pillotto (2008), que nos faz pensar sobre o ensino de arte na contemporaneidade que deve buscar possibilidades para além das tendências pedagógicas, se fazendo necessária uma educação em arte que apresente propostas que busquem preparar o aluno para as diversas situações de seu cotidiano seja ele, cultural, social ou ético. Ampliando o repertório de experiências artísticas, estéticas e culturais, o ensino de arte também é compreendido como um processo de simbolização, transformação e ressignificação.

Estamos em uma fase em que o mundo está em constante movimento e para que o aluno possa estar preparado para fazer parte da sociedade sendo um cidadão capaz de ser criador de sua história, fazendo escolhas profissionais tendo um compromisso ético e social o ensino da arte precisa fazer diferença. Nesta perspectiva é importante que o professor esteja disposto a se aventurar junto com seus alunos a conhecer, vivenciar e compreender a arte. De acordo com Arslan (2008, p.07).

Arte é uma área de conhecimento que surpreende quando se pensa na formação necessária ao jovem contemporâneo para a sua inserção social, cultural, e profissional. A educação em arte imprime sua marca ao demandar um cidadão criador, reflexivo e inovador. Se formar um jovem para o futuro é prepará-lo para situações incertas e para resistir às exigências da velocidade e da fragmentação que caracterizam a contemporaneidade, então a arte pode colaborar.

Quando mergulhei nas leituras sobre a história e a inclusão do ensino da arte na lei me vieram à memória lembranças de quando estudante no Ensino Fundamental - 5ª série (atualmente 6ºano)- nas aulas de Artes havia muito desenho livre sem uma contextualização e nos anos seguintes os professores estavam preocupados em apresentar somente um artista: Van Gogh. Parei de estudar na 7ª série (atualmente 8º ano) e fiquei sem voltar para a escola por seis anos seguidos. Quando retornei completei meus estudos no CEJA – Centro de Educação de Jovens e Adultos. Lá assistíamos vídeo aula e os encontros eram todas nas noites em um colégio estadual que fornecia a sala para os alunos e professores. Lembro-me que eram encontros descontextualizados de nossa vida cotidiana.

Já formada busquei outros cursos que não me realizavam profissionalmente, até que me deparei com uma bolsa de estudos de Artes Visuais Licenciatura. Em meio a muitas dúvidas e medos e com muito incentivo de meus

familiares resolvi mergulhar em um mundo desconhecido naquele momento. Foi então que comecei a entender o ensino de arte na escola, nas disciplinas do curso, nas metodologias e planos de aulas que tinha que produzir em cada semestre. Até nesse momento tudo era novo e o entusiasmo fazia parte de mim quando chegou o semestre que iríamos ter a disciplina de Metodologia do Ensino Fundamental me deparei com um momento excluído da minha fase escolar. Em conversas e diálogos com colegas e professora percebi que as experiências deles não tinham relação alguma com minha experiência. Foi quando fiquei com muitas dúvidas, afinal como vou levar um ensino da arte para meus alunos, como vou compreendê-los, como vou conhecer seus perfis se não tive isso em minha fase escolar?

Quando externei estas minhas dúvidas na aula a professora propôs que fizéssemos uma pesquisa de campo com alunos e professores do Ensino Fundamental II e que foi bem aceita por todos os acadêmicos. A pesquisa seria em forma de um questionário com cinco questões que deveriam ser respondidas pelos entrevistados. Foram estas as perguntas aos alunos: O que você gostaria de aprender nas aulas de Artes? Que linguagens artísticas preferem? O que você gosta de fazer em suas horas de lazer e que poderiam ser parte das aulas de Artes? Que conteúdos ou atividades você não gostou de aprender em arte? Por quê? Como são suas aulas de Artes e como você se sente nas mesmas? O que considera importante estudar em arte? A pesquisa que estava direcionada aos professores foi formulada com as seguintes questões: Quais metodologias foram melhores para o ensino de Artes no fundamental II? Cite uma experiência que não deu certo em sala de aula: Explique por que. O que você considera imprescindível ensinar na disciplina de Artes para o Ensino Fundamental II? Por quê?

Logo após a pesquisa foi feita uma mesa redonda na sala de aula onde apresentamos as questões de forma que cada acadêmico apresentou a experiência de se aproximar do aluno e das respostas que tiveram. Ao me deparar com as respostas me senti próxima de cada aluno, fazendo parte de sua realidade, seus desejos, sonhos, seu perfil, seu gosto e a cada resposta me surpreendia em perceber como eles compreendiam o ensino de arte na escola e o que eles mais queriam em suas aulas de Artes eram conteúdos diferentes como música, pintura em materiais diferentes, teatro, escultura com argila, e artistas diferentes, e o que eles mais consideraram importante aprender nas aulas é história da arte, arte no computador, fotografia, dança e música. Quando apresentamos as questões dos

professores senti respostas tensas como se estivessem passando uma receita de bolo sem mudar e nem acrescentar qualquer ingrediente. Em algumas respostas relacionadas às metodologias e aos conteúdos indispensáveis trouxeram a proposta triangular, a leitura de imagem e a releitura.

As pesquisas e estudos sobre a história do ensino da arte me trouxeram lembranças e memórias do caminho percorrido em minha escolaridade que poderiam ter ficado escondidas e sufocadas em meu ser interior, mas foi na universidade que em meio a tantas sensações percebi que tudo que vivi me proporcionou experiência que me tocou, me aconteceu, me passou. Experiência que me proporcionou olhar de uma forma mais sensível o meu eu e tudo que está ao meu redor.

3 O QUE ME TOCA, O QUE ME PASSA O QUE ME ACONTECE: FORMAÇÃO DO SUJEITO COM A EXPERIÊNCIA E A EXPERIÊNCIA ESTÉTICA

Experiência, palavra que muitas vezes usamos para dar significado aos nossos anos que se passam, ao nosso conhecimento, a nossa lição de vida. De acordo com Honorato (2015) o termo experiência na filosofia tem dois significados que são a participação pessoal em situações repetíveis e o recurso à possibilidade de repetir certas situações como meio de verificar as soluções que ela permite. Os dois significados se relacionam com o conhecimento e se aproximam mais da perspectiva do experimento, do método. Desde a modernidade até nos dias atuais a experiência traz a relação do homem consigo mesmo e com o mundo. Por meio da experiência e de seus sentidos é que o sujeito reconhece o mundo em que vive e se reconhece. O reconhecimento se desenvolve por meio do juízo reflexivo com base em suas atitudes que ocorrem por conta de saberes que ele adquire durante sua vida toda. Para Larrosa (2002) experiência é o que nos toca, o que nos passa, o que nos acontece. E nos dias de hoje nos passam tantas coisas, ao mesmo tempo, mas não nos acontece nada. Excessos de informação, excesso de opinião e a falta de tempo, essas são algumas das coisas que Larrosa diz que não permitem que tenhamos experiência.

O mundo gira, a vida passa e na correia do dia-a-dia diante de nossos olhos passam tantas coisas e não nos permitimos ter experiências que poderiam nos ajudar a escrever nossa própria história.

- Olhe pela janela.
- Olhei. Era um dia de vento, com nuvens sumindo por trás da torre da Nova Igreja.
- De que cor são aquelas nuvens?
- Ora, brancas, senhor.
- Ele levantou um pouco a sobrancelha. - São mesmo?
- Olhei-as- Cinzas também. Talvez vá chover.
- Vamos, griet, você pode melhorar. Pense nos seus legumes.
- Meus legumes senhor?
- [...] – Pense em como você separou os brancos. Os nabos e as cebolas têm o mesmo branco?
- De repente entendi. – Não, o nabo tem verde, a cebola tem amarelo.
- Exatamente. Então, que cores você vê naquelas nuvens?
- Tem um pouco de azul- descobri depois de prestar atenção alguns minutos. - E amarelo também. Até verde! – Fiquei tão animada que até apontei praelas. Olhei nuvens a vida inteira, mas parecia que estava vendo pela primeira vez. (CHEVALIER apud LEITE, 2008, p.61).

Este trecho do texto de Chevalier nos permite refletir sobre nosso olhar despercebido para os detalhes, mínimos detalhes, cores, cheiros, sensações que estão submersas em um corpo que transborda informação, se afoga em opiniões e se esconde entre regras do cotidiano. E para que algo nos aconteça devemos despertar desse sono profundo, um sono que não possibilita que tenhamos sonhos, que não tenhamos esperanças de que algo nos toque, de que algo nos aconteça, pois isso requer

Um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (LARROSA, 2002. p. 19).

A palavra experiência em outras línguas tem inúmeros significados, porém um dos significados que mais me chama a atenção é a que Larrosa apresenta,

[...] experiência tem o ex de exterior, de estrangeiro, de exílio, de estranho também o ex de existência. A experiência é a passagem da existência, a passagem de um ser que não tem essência ou razão ou fundamento, mas que simplesmente existe. (LARROSA, 2002. p. 25).

O simples fato de existirmos nos torna sujeitos capazes de ter experiência, mas um sujeito sensível que se permita a transformações não aquele com excesso de regras, automático. Em continuação Larrosa (2002) ainda define experiência como sendo uma paixão, referindo-se a paixão de várias formas, a paixão que envolve que provoca que permite ao sujeito ter diferentes sensações. Uma paixão que ao mesmo tempo te prende e te deixa livre.

Se a experiência é o que nos toca, o que nos acontece, o que nos passa, permitindo transformação e saberes, me aventuro a falar sobre a experiência e as não experiências que tive ao realizar esse trabalho. Ao longo da pesquisa e escrita me privei de muitas experiências por me sentir sufocada e presa pela responsabilidade de fazer tudo certo sem erros, mas ao longo do percurso me vi mergulhada em uma experiência que eu jamais havia tido: ao mesmo tempo em que

sei tudo eu não sei nada, às vezes me sinto confusa e às vezes realizada. Na arte muitas experiências são possíveis. O contato com a arte, e suas diversas manifestações, tem a capacidade de tirar o sujeito de sua comodidade e dos limites aos quais ele está acostumado, fazendo com que ele tenha sensações que jamais sentiu. A isso se chama experiência estética.

Falo sobre experiência estética com palavras de Clarice Lispector:

Para me interpretar e formular-me preciso de novos sinais e articulações novas em formas que se localizem além e aquém de minha história humana. Transfiguro a realidade e então outra realidade, sonhadora e sonâmbula me cria. E eu inteira rolo e à medida que rolo no chão vou me acrescentando em folhas, eu, obra anônima de uma realidade anônima só justificável enquanto dura a minha vida (LISPECTOR, 1998. p.22).

De acordo com Honorato (2015) a obra de Clarice é de dentro para fora, criando um universo possível, e esse possível é o possível estético que cria blocos de sensações como lugar de incorporação do acontecimento e esse acontecimento vão além do acontecido que é o instante da transformação. Uma transformação que permite rupturas nos modos de vida, onde ocorre a experiência nos tirando do eixo mais precisamente da linha, ao mesmo tempo em que nos move para o equilíbrio nos reconfigurando, desse modo, a partir do que nos desestabiliza. Para Honorato (2015, p. 62) as palavras de Clarice criam blocos de sensações que movem o pensamento nos fazendo sentir, “E se nos permitirmos sentir, existem diversas maneiras de se ter experiências”.

A arte, sendo um meio especial para a formação de sentimentos e gosto é essencial na formação estética do sujeito. Para Honorato (2015, p. 63).

Uma formação que se dá por meio da variedade de imagens que habitam nosso cotidiano, assim como pela forma com essas imagens nos afetam e como reagimos a elas. Nossa experiência estética é constituída pelo conjunto de aprendizagens conscientes e sensíveis das quais nos aventuramos a abandonar, mesmo sem querer, para ver o que acontece e então reagir a isso.

As imagens da moda, da mídia, e da arte, também fazem parte do cotidiano, e não são relacionadas somente a estética, essas imagens agem também na dimensão ética e política que para Honorato (2015, p.63) “Atuam sobre princípios e critérios que são referência do sujeito”. Essas referências nos permitem ter uma

visão sobre nós mesmos e sobre os demais, sendo orientados ética e politicamente, nosso comportamento nos dá referência sobre o que vemos, pensamos e praticamos. “O caráter ético e político da experiência estética conduz à questão das capacidades dos nossos sentidos como a percepção” (HONORATO, 2015. p.64). A percepção que nos envolve em desejos e paixões, nos permite ter um olhar sensível para o que nos rodeia permitindo uma visão diferente do mundo, ela é uma forma de conhecimento que juntamente com a arte nos possibilita criar e recriar outro. Para Farina (2008, p.102) é a percepção que “Constitui os modos de ver, escutar e tocar o que nos afeta sensitiva e intelectualmente e de produzir conhecimento com eles”. Os modos de ver, escutar e tocar nos permitem ser seres sensíveis.

Neste momento meu pensamento se volta para os alunos. Como eles, nas aulas de Artes poderiam chegar a uma experiência? Nos dias de hoje os jovens estão mergulhados em um mundo de tecnologias que muitas vezes não permitem que tenham experiências. Como possibilitar que eles percebam o seu cotidiano de uma forma sensível? O sensível que nos permite conhecer nosso ser interior e exterior com desejos, medos, alegrias e sonhos? Essas são perguntas que me impulsionam a pensar o ensino da arte e o lugar dele na vida dos alunos, nas suas casas, na cidade em que moram.

4 ESCOLA, CIDADE, CASA: A ARTE QUE ME HABITA

O que é arte? Essa é a pergunta que muitos fazem e ficam confusos ao tentar explicar. Feldhaus (2006, p.56 apud LEITE, 2005) define arte como:

Sistemas de manifestação de códigos que se interpreta mero codificam acadamomento, uma forma peculiar de deve expressar o mundo, atuando como uma reação emocional conceitual à vida. A linguagem artística busca resolver o problema artístico no qual encontra o artista e dá a ele a possibilidade de pensar e expressar a sua época, por imagens sonoras, visuais, corporais, poéticas. O que vigora, hoje na arte, não são apenas conhecimentos sensíveis ou mesmo a beleza, mas a inteligência, a significação. É um campo privilegiado da experiência estética.

Para Buoro (2003, p.25) “Conceituar arte não é tarefa fácil. No entanto, aquele que a realiza ou estuda sempre tem dela uma concepção, mesmo que inconsciente”. A arte faz parte de nossa história desde o tempo da pré-história, onde expressões e criação possibilitaram ao ser humano compreender o mundo e a cultura em que vive. Para Buoro (2003, p. 19)

Uma das primeiras referências da existência humana na terra aparece nas imagens desenhadas nas cavernas, que hoje chamamos de imagens artísticas. Neste sentido, pode-se dizer que a arte está presente no mundo desde que o homem é homem.

A arte é uma forma do ser humano expressar suas emoções, sua história, sua cultura, seus desejos e anseios representados e apresentados por meio de manifestações artísticas na dança, na música, no teatro, na escultura, na pintura, no cinema e outras. E é a partir da arte que o homem se relaciona com seu mundo físico e sensível desenvolvendo habilidades, competências e conhecimentos. Para Buoro (p.20) “A arte é uma forma de o homem entender o contexto ao seu redor e relacionar-se com ele”.

Em sua trajetória a arte nem sempre foi vista como uma forma de o homem entender o contexto ao seu redor e relacionar-se com ele. Podemos ver a *partilha do sensível* de Rancière (2005) onde o autor apresenta a partir de seu estudo três grandes regimes de identificação da arte: o regime ético, o regime poético ou representativo e o regime estético, que estão ligados aos modos de produção e práticas das obras, às formas de visibilidade dessas práticas e modos de conceituá-las. A arte no regime ético é identificada como aquela, ou aquilo que é bem feito.

Modos de fazer bem as coisas do cotidiano, como exemplo a arte da culinária, a arte da medicina. No regime poético ou representativo a arte é identificada como aquilo que representa a realidade em busca de cópias perfeitas,

[...] entra numa relação de analogia global com uma hierarquia global das ocupações políticas e sociais: o primado representativo da ação sobre os caracteres, ou da narração sobre a descrição, a hierarquia dos gêneros segundo a dignidade dos seus temas, e o próprio primado da arte da palavra, da palavra em ato, entram em analogia com toda uma visão hierárquica da comunidade (RANCIÈRE, 2005, p. 32)

O regime estético se contrapõe aos regimes ético e poético. A arte é identificada como algo que tem relação com a sensação, com o sujeito e sua sensibilidade. “No regime estético das artes as coisas da arte são identificadas por pertencerem a um regime específico do sensível” (RANCIÈRE, 2005, p. 32).

Para Honorato (2015, p. 28) as tendências pedagógicas como a tradicional, escola nova, tecnicista e progressista libertadora se relacionam com o estudo de Rancière (2005), pois nos dois primeiros regimes encontra-se a falta de autonomia da arte com domínio da hierarquia sobre o sujeito, sobre o ensino e sobre a sociedade, que “promovem uma subtração de potencial criador do pensamento e do corpo sensível”. (HONORATO, 2015, p. 29). Em contradição o regime estético rompe com a hierarquia das imagens idealizadas, a arte se transforma em significações da vida, e do corpo é neste momento que o “regime se apresenta como restituidor do caráter ativo do pensamento e da receptividade sensível dos corpos” (HONORATO, 2015, p.29). Com o regime estético a arte na escola pode proporcionar uma transformação do aluno onde ele poderá conhecer e desenvolver sua sensibilidade, seu olhar perceptivo por meio das experiências com obras de artistas, com a história da arte ampliando seu repertório cultural e estético.

A estética me leva a falar de um olhar que busca perceber a arte que nos envolve, seja ela em nossa cidade, nossa casa e a escola. A cidade é o lugar onde vivemos, habitamos. Ela muda e se transforma dia após dia seja no campo social, material ou cultural e o ser humano se torna o principal agente de construção e transformação de sua história e de sua cultura. Balthazar (2001 apud Feldhaus 2006, p. 16) define a cidade como

[...] um espaço, a qual a sociedade que o usa e o habita, e que nele vive, muda-o e transforma-o constantemente. Estas ações (de mutação) advindas da sociedade fazem com que o espaço cresça

esemodifique de uma forma genérica em diversos campos, seja no social e cultural, assim como no político ideológico, entre outros. A sociedade tornou-se a principal responsável pelas modificações que acontecem no espaço, apresentando uma relação de interferência na sua estrutura, na sua cultura e na sua história. Isto acontece na maioria das vezes, de uma forma inconsciente, pois a sociedade age e atua gradualmente no seu dia-a-dia, metamorfoseando o espaço edominando-o, umavezqueé a sociedade que domina os elementos principais que constituem o espaço.

Muitas vezes nosso olhar se volta somente para o que achamos que devemos ver e não construímos um olhar que seja capaz de direcionar nossa própria relação com o mundo em que vivemos. Para Fedhaus (2006, p. 50).

Quando olhamos para uma cidade percebemos que ela é formada por inúmeros elementos que a compõem. A riqueza de informações é algo fantástico e muitas vezes na correria do dia a dia, todos estes detalhes passam despercebidos por nosso olhar corriqueiro. Um olhar atento pode não nos levar longe, mas fará uma enorme diferença.

Este olhar atento que o autor menciona é o olhar que tenho em relação à educação em arte na minha cidade, pois moro na cidade de Criciúma⁴ há quase trinta anos e não sabia o nome do memorial Dino Gorini⁵, sempre tive curiosidade e admiração pelo monumento e ao questionar para algumas pessoas poucos sabiam explicar, dizendo muitas vezes que foi uma forma do governo roubar dinheiro que aquilo não servia para nada. Ainda vejo o descaso com a cultura local da cidade de Criciúma, pois o péssimo estado de conservação do Centro Cultural Jorge Zanatta⁶ e a ocupação da Galeria de Arte Octávia Gaidzinski pela Secretaria de Infraestrutura eliminaram os poucos espaços culturais da cidade. Essas ocupações resultaram em uma ação feita no centro da cidade intitulada “Casa sem Cultura”⁷, com o objetivo de chamar a atenção para a situação da cultura da cidade. Na escola nunca falaram

⁴Fundada em 06 de janeiro de 1880 como Vila de São José de Cresciúma, a atual Criciúma foi colonizada principalmente por italianos, alemães, poloneses, portugueses e africanos, no final do século passado Feldhaus (2006, p.21 apud SILVA, 2000; SANTA CATARINA, 2006).

⁵ Memória Dino Gorini - Localizado junto ao Parque Centenário, o Memorial foi Inaugurado em 06/01/1981, pela passagem do aniversário de 100 anos da chegada dos primeiros imigrantes europeus à Criciúma.

⁶ Em 1993, a Fundação Cultural de Criciúma “tomou posse” da ala direita, criando o Centro Cultural Jorge Zanatta. A restauração do prédio deu-se a partir de 1996, quando todo o prédio passou a ser administrado pela Fundação Cultural de Criciúma. (FELDHAUS,2006,p.32)

⁷Ação promovida pela A Associação Sul Catarinense de Artes Visuais (ASCAV) com o objetivo do movimento é chamar atenção para a atual situação da cultura de Criciúma.

que a cidade em que vivo é rica em cultura e linguagens artísticas somente na universidade tive acesso e conhecimento ao que a cidade tem para oferecer.

Acreditando que seria possível a relação entre o pessoal e o histórico peço licença ao leitor para relatar um projeto de Moema Martins Rebouças que descobri no percurso de minhas leituras para esta pesquisa. Um desvio que nos permite pensar a arte que nos habita. O projeto intitula-se “A cidade que mora em mim⁸” que proporcionou a crianças e adolescentes um olhar sensível para sua história. Teve como maior objetivo instigar cada participante a perceber a cidade que vive em cada um deles. De acordo com relatos de Moema (2013), a história de cada um veio à tona através de cidades possíveis e imaginadas aproximando os que viveram a experiência aos artistas que também tiveram suas cidades imaginadas, pensadas e recriadas. Essa experiência proporcionou criar relações entre a arte, o pessoal e o histórico do aluno envolvendo suas vidas, sua história fazendo com que essas relações os alunos se tornassem autor e administrador de si e do mundo em que vive.

Em meu percurso de formação na universidade, em meio a estágios e experiências com colegas e professores nas escolas, muitas vezes percebi que a cópia ainda está muito presente nas aulas de Artes, assim como o estudo de artistas renomados, principalmente os europeus. Também é freqüente a produção de cartões de datas comemorativas, mas acredito que somos capazes de mudar essa história. Ao levar os bens culturais e artísticos que a cidade oferece para a escola possibilitará aos alunos terem um olhar perceptivo e sensível para sua cultura e para as linguagens artísticas que os envolvem. De acordo com Oliveira; Astraico (2013, p.1053).

Não há como negar o papel da arte no sentido de despertar e proporcionar a expressão e articulação da subjetividade. A experiência do sensível [...] faz-nos reconhecer o quanto podemos nos tornar seres humanos melhores a partir da experiência estética.

Esse despertar que os autores mencionam é o que me motiva a acreditar que a arte me habita e que através da experiência me leva a outros mundos e outras sensações. A nossa cidade é um lugar onde podemos ser educados culturalmente

⁸ O projeto “A cidade que mora em mim”, aconteceu na cidade de Vitória, tendo como aporte teórico semiótica discursiva. (Oliveira;Astraico (2013, p.1049)

possibilitando conhecimentos dos bens culturais e artísticos, para Oliveira; Astraico(2013, p.1054).

A cidade e seus lugares, objetos, narrativas e memórias são elementos indicadores de possibilidades de inclusão do sujeito nos processos educativos em arte. O olhar sobre estes elementos faz despertar aquele que ali habita; faz vir à tona aspectos sutis relativos ao sujeito. O espaço onde se mora o bairro, as ruas, ou a comunidade são construções expressivas de nossa relação com o mundo. É preciso reconhecer o lugar, compreender suas articulações, evidenciar suas qualidades e defeitos, mas é preciso reconhecê-lo como uma extensão de si.

Concordo com as palavras dos autores e me questiono se nossa casa também pode nos proporcionar essa formação cultural e se pode contribuir para a formação de um olhar sensível.

Trago neste momento um outro desvio que me ajuda a pensar a casa como espaço de cultura e de formação do ser sensível. Um relato de um projeto que se realizou pelo olhar sensível do professor e que possibilitou aos alunos uma experiência com a arte proporcionando uma formação cultural por meio da observação de casas feitas por insetos e animais na escola onde estudam. O Projeto *Estudo sobre casas: formas de habitar a arte*⁹ teve como objetivo encontrar caminhos mais significativos de ensinar e aprender arte. Algumas questões vinham à tona, como relata o professor Paulo Lorenzetti. Questões estas que traziam a preocupação em promover aos alunos experiências em arte respeitando suas culturas, o lugar onde vivem o que veem o que ouvem, o que pensam, suas maneiras peculiares de se relacionar com o mundo, sua curiosidade para a vida e seu contato com a natureza. Em meio a rodas de conversas, observação, e no contato com os alunos mesmo nas horas informais o professor percebeu que poderia chegar a lugares inesperados de aprendizagem. Esse contato professor-aluno me remete a fala de Honorato (2015, p.105): “Na escola, a relação professor-aluno não se limita ao nível de relação individual; eles se inter-relacionam nas suas histórias”.

O projeto começou com a curiosidade dos alunos em meio à aula de desenho, quando viram uma movimentação diferente no teto da sala. Era um marimbondo no exercício de construir sua casa. As crianças não conseguiam se concentrar e logo vieram perguntas para o professor: O que aquele bicho está

⁹O projeto “Estudo sobre casas: formas de habitar a arte” nasceu em 2010 na Escola Estadual Prof^a. Diva Gomes do Santos, em Mauá, periferia de São Paulo. Acessado: <http://artenaescola.org.br/relatos-de-experiencia/relato.php?Id=75930>

fazendo ali? Em resposta, o professor diz: Está construindo sua casa. E assim veio outra pergunta: Como ele a constrói? Ele faz arte? E nesse movimento de perguntas e respostas o projeto foi se desenvolvendo.

Em meio a estudos sobre arte, informações envolvendo outras disciplinas o projeto foi se transformando em uma grande experiência para os alunos e professores daquela escola. A partir da casa de insetos e animais presentes no ambiente escolar como vespas, aranha, marimbondos, caracol, caramujo e ninho de passarinho, artistas e obras o projeto aconteceu no decorrer de um ano. De acordo com Lorenzetti (2015. s/p).

Em cada casa encontrada era desenvolvida uma série de atividades e pesquisas abordando diversos elementos. O estudo das formas, incluindo as produções de alguns artistas; as materialidades: do que era feita a casa e como os seres humanos se apropriam desse material para produzir arte; O processo de criação nos aspectos construtivos: como as casas eram construídas, traçando sempre um paralelo com a construção das obras de arte e seus elementos visuais.

O projeto foi concluído com uma montagem de um livro coletivo chamado *Estudos sobre as casas - Desenhos*, que foi formado por desenhos de todas as casas estudadas, e um CD com três músicas compostas coletivamente ao longo do projeto como o *Rap do Marimbondo*, *As casas e Marivesaracolujo* (trava-línguas). Com a conquista de seu projeto Lorenzetti (2015) cita o filósofo John Dewey “Uma experiência só é estética quando une cognição, afeto e vida”. O afeto, a vida e a sensibilidade possibilitaram um olhar perceptivo do professor com o desejo de levar uma aprendizagem significativa multiplicando com o olhar e as curiosidades dos alunos os levaram a uma experiência estética e uma formação cultural que eles levarão para toda a vida. De acordo com Leite (2008, p.58).

A formação cultural, vista desta forma, deriva da experiência estética- a possibilidade que temos de nos defrontarmos com objetos de cultura ou da natureza (afinal a natureza também nos oferece seus encantos, seus sons, suas imagens, odores, sabores) de maneira pessoal, autônoma e crítica, e de nos deleitarmos com eles, de irmos fundo, entregues de corpo e alma, vivendo intensamente aquilo que estamos vendo/ouvindo de forma a deixarmos que a emoção, a memória, a atenção e a desatenção, a tensão e a distensão possam apossar-se de nós, e fazermos com que a expressão cultural ou a natureza em questão reverbere e se expanda como em ondas dentro de cada um, afetando-nos e permanecendo em nós deixando-nos diferentes, marcados para sempre.

O olhar que possibilitou uma interação e aproximação com a arte proporcionando experiências, sensações, desejos, conhecimento abrindo a janela da alma de cada participante. Concordando com Feldhaus (2006, p.50).

O olhar nos ajuda a construir nossas referências de vida e de mundo. [...] Os olhos são chamados de “janelas da alma” Porque revelam o nosso interior. É por eles que vivenciamos experiências, que retratamos paisagens, imagens, formas, cores, movimentos, composições... É a partir de nossa vivência que vamos ampliando nosso olhar.

Pensando nas casas dos insetos do projeto lembro-me de minha casa como um lugar onde busco descanso, paz, carinho, tranquilidade, liberdade. Nela eu canto, danço, assisto filmes. Em minha casa eu choro, eu posso rir e dar gargalhadas, eu fico triste, alegre e sonho. Essas sensações me levam a acreditar que hoje a arte habita em mim o tempo todo. Não me recordo de ter acesso ou incentivo para a arte na casa de meus pais e pouco contato com arte na escola, talvez essa não experiência na infância tenha retardado minha percepção sobre o potencial crítico e sensível da arte.

Zurk (2008, p.128) traz uma escola na qual eu acredito, onde todos deveriam ser como um “baú de histórias bem aberto para o mundo; o professor e as crianças podem ser esses narradores de si mesmo, capazes de buscar o que há de mais rico no humano: a troca de experiências”.

As aulas de Artes contribuem para que esse baú nunca se feche, pois, o ensino de arte está em constante transformação possibilitando o aprender, o interagir, o comunicar e o compartilhar experiências. Na escola a arte deve se destacar pela sua força de invenção, de experiência, fortalecendo a fruição estético/política de modo que a percepção possibilite a cada um, o olhar sensível para o mundo e para si mesmo.

5 ENTRE CONVERSAS, DIZERES E REFLEXÃO: O CAMPO

O desejo de ir a campo para a coleta de dados me deixou ansiosa e ao mesmo tempo realizada, pois me senti orgulhosa em ser uma acadêmica pesquisadora. Escolhi duas escolas de Criciúma pelo fato de já ter estagiado em ambas durante meu processo de formação. Observo que as duas escolas, no que se referem aos professores, alunos e direção, têm modos diferentes de trabalhar, diferentes comportamentos e também algumas posturas que me causaram curiosidade e outras que me incomodaram. Escolhi investigar alunos do 7º ano do Ensino Fundamental, pelo fato de estarem entrando na adolescência, uma fase que me remete à espontaneidade, a alunos interativos e que muitas vezes pensam que sabem tudo.

Meu primeiro contato com as escolas foi positivo. Fui bem recebida pela direção para quem expliquei sobre minha pesquisa e sobre meus objetivos. Fui então encaminhada para falar com as professoras de Artes que também foram bem acolhedoras e compreensivas, se colocando à disposição para o que eu precisasse. Expliquei para elas que gostaria de entrevistar alunos do sétimo ano e que a entrevista seria gravada, que não utilizaria a imagem dos alunos e que as perguntas teriam um caráter bem pessoal. Na primeira escola, como a professora estava em aula com uma turma do 7º ano, ela já perguntou para os alunos quem gostaria de participar da entrevista para uma pesquisa acadêmica. Sete meninas se disponibilizaram a participar, então expliquei sobre o documento que os pais deveriam assinar para autorizar a participação delas e que eu o recolheria no dia da entrevista. Na segunda escola os alunos que se disponibilizaram foram quatro meninas e dois meninos. Para efeito de organização da leitura esclareço que nomeei as escolas como: 1ª escola e 2ª escola e na sequência apresento o relato dos encontros em cada uma.

Iniciei a coleta de dados na 1ª escola com as sete meninas. O primeiro encontro aconteceu em uma terça-feira, dia 08 de setembro de 2015 no período vespertino. Ao chegar à escola entrei em contato com a professora de Artes que me disponibilizou uma sala que não estava sendo utilizada naquele momento. Convidei as sete meninas para me acompanharem. Ao chegarmos à sala de aula organizei as mesas em círculo para ficarmos mais à vontade. As alunas foram entrando e logo se sentando, conversando, se dizendo nervosas. Logo em seguida me apresentei

falando meu nome, onde moro, onde estudo e o objetivo da pesquisa. Primeiro pedi que cada uma fosse dizendo seu nome, idade e onde morava seguindo o círculo, assim cada uma foi se identificando sendo que algumas não queriam falar onde moravam. Para começar a fazer as perguntas pedi que respondessem seguindo a regra da primeira que se apresentou até a última e as perguntas foram sendo feitas e respondidas entre eu não sei e não entendi. Minha ansiedade tomou conta de mim naquele momento, entre perguntas e respostas mecânicas me vi uma ditadora de regras. Saí da escola achando que tinha dado tudo errado, que as meninas não responderam nada do que eu queria ouvir, me senti desmotivada e quando cheguei em casa escutei duas vezes a gravação e não percebi o quão rico era o material coletado. Até que em um momento de escuta me coloquei no lugar das meninas e quando ouvi a minha primeira pergunta *O que é arte?* Pensei que as meninas só poderiam ter ficado assustadas naquele momento, pois eu mesma fiquei em choque com a minha pergunta. Após ouvir muitas vezes a entrevista senti a necessidade de voltar à escola, ter um novo contato com as meninas e levar algum material que envolvesse a arte e com o qual elas não tivessem muito contato, pois na entrevista falaram que nas aulas de Artes só tinham desenho e pintura e como estou cursando a disciplina de cerâmica resolvi levar para elas a argila.

O segundo encontro na 1ª escola aconteceu uma semana depois. Conversei com a professora que logo se prontificou em deixar as meninas ficarem comigo, porém das sete somente cinco participaram. O encontro foi na mesma sala da semana anterior. Comecei mostrando a argila para elas explicando que na entrevista elas só citaram desenho e pintura como atividade nas aulas de Artes e que então tinha pensado em lhes proporcionar uma experiência com um material diferente do comum. Disse que elas poderiam explorar a argila e fazerem o que quisessem. Em meio à atividade e às conversas me falaram que tinham gostado da entrevista e comentaram com os pais em casa e que eles não questionaram sobre nenhuma pergunta feita por mim. Elas estavam tão empolgadas naquele momento que me mostraram o caderno de desenho, as atividades que gostaram de fazer e as que não gostaram. Uma das meninas fez até um desenho para mim com um coração e o nome da banda de rock que ela mais gosta. Foi quando me perguntei: Como ela sabia que eu iria voltar a ter contato com elas se na primeira entrevista eu me despedi dizendo que não iria mais voltar? O desenho me fez acreditar que o contato, a conversa que tive com elas, mesmo sendo regrada, foi diferente do que

elas costumam ter na escola, e as perguntas de arte e sobre arte tenham sido, talvez, perguntas que ninguém ainda tivesse feito para elas. As produções em argila foram sendo feitas por influências, quando uma fazia coração todas queriam fazer, uma fazia flor, logo todas faziam flor, até que cada uma foi se permitindo ser autora de sua própria produção e então surgiram: flor, plaquinha com o nome da mãe em memória, fone de ouvido, coração, boneco de neve. Com as conversas percebi que a arte faz parte da vida delas não somente no ambiente escolar, porém com suas ansiedades, medos, perdas, alegrias e compromissos não a percebem. Despedi-me das meninas agradecendo a participação de todas prometendo voltar com a produção delas queimadas e esmaltadas, algumas me abraçaram pedindo que eu voltasse para ser professora delas.

Essas experiências me ajudaram a ficar mais confiante para ter o encontro com os alunos da 2ª escola que aconteceu no dia 22 de setembro de 2015 no período matutino. Nesse dia eu já levei a argila para que os alunos fizessem suas produções conforme íamos conversando. Ao chegar à escola entrei em contato com a professora que me disponibilizou uma sala que não estava em uso no momento, convidei os alunos para me acompanharem, ao chegar à sala de aula organizamos as mesas do modo que os alunos ficassem bem à vontade. Logo após me apresentei falando meu nome, onde moro e sobre a pesquisa, em seguida perguntei sobre o que eles não gostavam de fazer nas aulas de Artes. As respostas foram desenho com releitura. Perguntei então se já tinham feito algum trabalho com argila. Disseram que sim, nas aulas de Ciências com a produção de um vulcão. Entreguei um pedaço de argila falando das aulas de cerâmica que estava tendo, os alunos ficaram empolgados e querendo fazer tudo ao mesmo tempo. Como na 1ª escola me percebi uma ditadora e não queria repetir o mesmo erro, então fui fazendo as perguntas aleatoriamente e conforme as respostas iam saindo, me senti bem mais à vontade e confiante. As respostas foram saindo em meio às produções. Os alunos que tinham mais afinidade um com o outro fizeram o mesmo tema. Surgiram ao todo figuras como: fone de ouvido, televisão, bola de futebol, boneco de neve, e celular. Durante a conversa os alunos acionaram cultura com o teatro, com a música, e quando cheguei às perguntas sobre a arte em casa teve um aluno que falou que gosta de desenhar e que seus pais o incentivam sempre comprando materiais para as produções. Em um determinado momento perguntei se a arte fazia parte de suas vidas e um dos alunos falou que em sua vida tem bastante música, e que toca violão

e piano. Quando conversamos sobre a arte na cidade comentaram sobre a Festa das Etnias, uma festa tradicional na cidade de Criciúma. Todos os alunos que estavam na sala comigo já foram prestigiar o evento dizendo que a festa é para mostrar a arte e a cultura dos povos. Fiquei muito satisfeita com as respostas, pois nesse momento percebi que para eles a arte não era somente desenho e pintura. Em um momento da entrevista perguntei sobre os conteúdos de arte e fiquei muito angustiada pelas respostas que ouvi, pois falaram que em todos os anos ainda prevalece o desenho. As conversas estavam fluindo tão bem que não percebemos a hora passar, mas tive que me despedir agradecendo cada um pela colaboração acompanhando-os até a sala em que estavam tendo aula, onde também agradei a professora por ter me dado a oportunidade de realizar essa pesquisa.

Trago a seguir as falas que obtive na entrevista com os alunos do 7º ano do Ensino Fundamental das duas escolas da cidade de Criciúma, seguidas de reflexões minhas, de alguns autores que utilizei na estruturação de toda escrita desta pesquisa e que conversam com os dados analisados. As falas foram selecionadas e são trazidas na íntegra, isso quer dizer, estão escritas conforme ditas. Os alunos entrevistados têm entre 12 e 15 anos, e mesmo tendo as autorizações assinadas pelos pais e responsáveis, optei em preservar a identidade dos alunos que aqui serão identificados por nomes fictícios de flores como: Rosa, Margarida, Violeta, Jasmim, Bromélia, Amor perfeito, Orquídea, Tulipa, Girassol, Azaléia, Camélia, Hibisco, Acácia. As flores estão sempre presentes no jardim, seja ele da casa, da escola, da cidade, as cores, os perfumes e a delicadeza são suas principais características, que para mim representam os alunos, pois cada um é especial em suas características e suas essências transbordam sentimentos e emoções.

Para organizar e manter o foco da conversa utilizei um roteiro de perguntas que envolveram a arte na escola, a arte em casa e a arte na cidade, em busca de saber como os alunos do ensino fundamental levam o ensino da arte para casa? Sendo que casa penso em meu ser, meu viver, meu agir, meu pensar. Na 1ª escola ao começar a entrevista com as alunas, eu já estava eufórica, nervosa e tensa, mesmo assim continuei a dialogar com elas falando que as perguntas faziam parte de um roteiro que fiz com o objetivo de ter respostas bem pessoais, eram perguntas bem simples, e que elas poderiam responder livremente o que elas sentissem. Ao fazer a primeira pergunta O que é arte? Houve um silêncio e Violeta,

a primeira da roda, ficou insegura dizendo que deu um branco pedindo para passar a pergunta para outra colega. Na 2ª escola fiquei, mas à-vontade sem medo de errar e como os alunos não se sentiram intimidados foram respondendo livremente. Entre as respostas dos alunos apareceu que a arte é cultura, teatro, música, escultura, o que para mim foi uma resposta bem expressiva:

- Arte para mim é tipo um modo de se expressar, tipo a pessoa que expressa tudo que ela tem, nas pinturas ela expressa o que ela tá pensando, o que ela sente o que ela planeja é um modo de expressar eu acho. (Rosa)

Para Rosa, por meio da arte expressamos o que pensamos, sentimos e planejamos e essa resposta está de acordo com que Feldhaus (2006, p.56 apud LEITE 2005) define como arte “Uma forma peculiar de ver e expressar o mundo, atuando como uma reação emocional e conceitual à vida”. E aproveitando as respostas continuei perguntando ao grupo: o que o ensino da arte representa para vocês?

Os alunos falaram que o ensino de arte é importante na escola sendo que um dos alunos em meio à conversa disse que arte para ela *representa o meio de se comunicar... tipo tem vários tipos... Tipo além de se expressar arte também é um meio de se comunicar a pessoa se comunica... Pra mim é um meio de se comunicar. (Rosa)*

Ao responder que o ensino representava o meio de se comunicar perguntei:

- Na escola, nas aulas vocês se comunicam através desse ensino?

Praticamente todos os alunos falaram que sim, através dos desenhos com a professora.

Para os alunos a arte é expressar e se comunicar em especial com a professora através de desenhos, então perguntei: E escola como ela permite que a arte chegue até vocês?

Os alunos responderam: através dos desenhos colados na parede, pela música que é colocada no recreio e pela professora.

- Pela professora... é sério...(risos) né a professora é o único meio tipo sei lá se não tivesse professorade artes a gente não conheceria na verdade artes.(Rosa)

Com as respostas dos alunos continuei perguntando: Vocês interagem com as aulas de artes e como são os conteúdos?

Os alunos responderam quando é conteúdo bom, diferente, eles interagem, mas quando é conteúdo que já conhecem eles ficam quietinhos só

fazendo a atividade, mas muitas vezes os conteúdos são repetidos, e na maioria das vezes é o desenho.

- É tudo repetido não tem como aprender alguma coisa legal. (Azaléia)

Percebi que o aluno percebe e recebe a arte através do professor, da música, dos desenhos colados na parede das salas, porém seus conteúdos são repetidos como enfatiza o aluno:

-Todo ano a gente faz pontilhismo, todo ano a gente faz sombra, todo ano tem cores quentes. (Girassol)

Meu objetivo de pesquisa não é achar problemas nas aulas de Artes ou na escola, mas sim buscar uma reflexão sobre como os alunos estão percebendo e recebendo o ensino da arte, nesse percurso me aproximo da escrita de Pillotto (2008) quando diz:

Os alunos se desvelam e se revelam através das manifestações expressivas. Materializam em formas, movimentos, sons os repertórios do que vão se apropriando, de um universo de histórias, situações e percepções. Cabe então às instituições de educação possibilitar a ampliação desse repertório [...] Entretanto, para que o professor possa compreender esse processo é necessário ele próprio se desvelar e revelar para os alunos. É preciso que experimente as linguagens da arte, que faça delas seu alimento diário, indispensável para sua formação humana também

Nos dias de hoje não é tarefa fácil levar algo novo para os alunos, pois seu dia-a-dia está em constante movimento, principalmente em meio às tecnologias. É importante o professor, a escola pensarem em proporcionar aos alunos um ensino da arte que envolva suas histórias, sua cidade, sua cultura.

Na conversa com os alunos percebi que eles gostam muito do trabalho em grupos, pois eles têm liberdade para conversar e sentem mais criatividade. Acredito, em meio a esses diálogos, que a interação em grupos é um ponto bem positivo para os alunos, para a aula e para o professor, pois oportuniza a troca de experiências e a socialização das produções.

Mas trago nesse momento a resposta de uma aluna que me deixou incomodada.

-Eu gosto de desenhar, mas não copiar, eu odeio copiar, eu gosto de desenho livre. (Azaléia)

Você diz a Releitura?

- *É, ai eu nunca sei fazer certo.*

Percebi na resposta da aluna Azaléia, que a Proposta Triangular de Ana Mae Barbosa, que buscava uma análise das imagens da arte se torna um jogo entre o desenho e a cópia. Os professores se apropriaram dessa metodologia com seu método regrado definido, com exemplos de atividades tornando as aulas de arte monótonas e sem contextualização. Honorato (2015, p.33) fala sobre esse método com regras definidas e trazendo exemplos de atividades com se “[...] no estado todo tivesse crianças iguais, professores iguais, escolas iguais, comunidades iguais. Como se os alunos, escolas, professores fossem todos iguais”. Os autores Oliveira; Astraico(2013, p. 1049) também falam sobre a Proposta de Ana Mae Barbosa que impossibilitou “[...] os alunos a estabelecerem um diálogo e uma relação entre o pessoal e o histórico, anulando assim a sua própria vivência”. Questiono-me nesse momento como os alunos poderiam ter experiências se as aulas se limitam a releituras que se transformam em cópias?

Em busca de saber mais sobre o que os alunos pensam sobre o ensino de arte perguntei: Qual a profissão vocês almejam para o futuro de vocês?

As respostas não poderiam ser diferentes as profissões foram variadas o desejo de ter uma profissão que os realize profissionalmente e pessoalmente ouve quem gostaria de ser delegada, veterinária, chefe de cozinha, advogada, administradora, médica para cuidar de crianças com câncer, atriz, trapezista pelo fato da família ser circense, mas quando perguntei: vocês acreditam que a arte pode ajudar na profissão que vocês vão escolher?

Ao questionar se o ensino de arte poderia ajudar em suas escolhas, houve quem achasse que sim sem saber explicar o porquê e outros não questionando Advogado precisam desenhar?

Essa resposta me fez refletir sobre se a arte na escola seria só desenho. E então pensei:até que ponto o ensino de arte pode ajudar nas futuras profissões? Esses questionamentos me impulsionaram a perceber as palavras de Arslan (2008, p.07) quando diz que a arte é considerada uma área de conhecimento sendo necessária para “[...] o jovem contemporâneo na sua inserção social, cultural, e profissional”. Em minhas leituras complementares sobre o que a arte pode proporcionar na formação do aluno me deparei com Zagonel (2008, p.38) que diz.

O aprendizado artístico iniciado na escola pode dar bases importantes para o futuro profissional, assim como se faz em outras profissões [...] deve ser forte e profundo o suficiente para que o indivíduo o leve para sua vida toda, para que possa usar sua sensibilidade e sua criatividade em suas atividades profissionais e nas relações sociais e familiares. (2008, p.38)

Concordo com os dois autores, pois a arte não é só desenho, pintura também é um meio de conhecimento seja ele social cultural e profissional, porém é como enfatiza Zagonel “[...] deve ser forte e profundo o suficiente para que o indivíduo o leve para sua vida toda”.

Com suas respostas sobre suas profissões perguntei aos alunos se a arte poderia ajudar na formação de um cidadão capaz de respeitar as diversidades?

Os alunos ficaram confusos não entendendo a pergunta então esclareci: a arte pode ajudar as pessoas a terem uma visão diferente do mundo, das diferenças, preconceitos? Pode ajudar as pessoas a respeitarem o jeito de ser e de pensar de cada um? Alguns alunos ficaram em dúvida dizendo que sim e não, e entre essas respostas duas me chamaram a atenção.

-sim, por que a arte tem e conta uma monte de história de pintores que uns eram bom e outros eram ruins, tipo só pintavam, mas não eram boa pessoa. (Azaléia)

- Eu acho que não, para ser bem sincera. Por que eu fico imaginando porque a arte vai mudar a opinião de uma pessoa se ela é racista não vai mudar por causa da arte, se ela é preconceituosa por uma pessoa ela não vai mudar por causa da arte. Eu acho que não. (Rosa)

Com essas respostas busquei refletir sobre outra pergunta norteadora dessa pesquisa: qual o papel do ensino da arte na escola? Acredito que o ensino de arte na escola tem um papel bem importante na vida do aluno construindo saberes em meio as produções, reflexões sobre sua cultura e as demais e é uma das maneiras de formar cidadãos de bem capazes de respeitar as diversidades. Inclusive um dos objetivos dos PCNs (1997) em relação ao ensino da arte aponta que o aluno poderá posicionar-se “contra qualquer discriminação baseada em diferenças culturais, de classe social, de crenças, de sexo, de etnia ou outras características individuais e sociais”, teria esse objetivo ficado somente no papel?

Em meio as conversas as perguntas foram se voltando para a arte fora da escola, neste momento os alunos falaram que percebem a arte na TV se referindo

ao cenário das novelas, nos quadros pintados, nos muros pichados, nas praças é quando pergunto sobre nossa cidade. Vocês já visitaram ou já viram arte em Criciúma?

- No 2º ano a gente visitou a Casa da Cultura. (Violeta)

Então reflito que eles já estão no 7º ano e conhecem muito pouco do que a cidade oferece como espaço de cultura e também como patrimônio cultural. Os alunos também falaram que percebem a arte em nossa cidade nas praças, no Parque das Nações, na Festa das Etnias sendo que, praticamente todos visitaram com seus pais a festa. Os alunos ainda relacionaram a festa com a arte e com a cultura do povo.

- A festa das etnias tem bastante arte. (Girassol)

- Claro né, acredito a festa é para mostrar a arte e a cultura dos povos (Azaléia)

Com as respostas perguntei se já visitaram algum museu em sua cidade, porém eles não sabiam que existia museu em Criciúma.

O aluno tem múltiplos olhares para a arte e para cidade, seja ele nas ruas, nas praças, nas festas tradicionais. Esses olhares devem fazer parte da formação cultural e estética dos alunos como nos fala Leite (2008, p. 60) “O olhar indagativo, crítico e curioso é a base da experiência estética”. Porém percebi que os olhares desses alunos estão esquecidos, submersos e sufocados nas quatro paredes das salas de aula. Esse olhar que proporciona a experiência estética pode levá-los a outros mundos, outras sensações, outros sentimentos e também pode [...] “dar significações ao visto, vivido, ouvido, sem desconectar cognição e afetividade” (LEITE 2008, p.60).

Em busca de saber melhor sobre esses olhares fora da sala de aula perguntei: Na casa de vocês, a arte está presente? E no dia-a-dia a arte está presente ou só na escola?

Os alunos falaram que a arte não estava presente em suas casas, porém referiu a arte nos quadros das paredes, esquecendo-se das outras linguagens como a música, a dança, o cinema. E quando pergunto mais uma vez e no dia-a-dia a arte está presente? Os alunos ainda se referiam que a arte estava só na escola.

- Só na escola, tipo não sou muito de desenhar, só na escola quando tem algum trabalho coisa do tipo. (Rosa)

Mas também recebi respostas que me deixaram radiante:

- *Na minha vida tem bastante arte, a música, eu toco violão e piano.*

(Camélia)

Percebi nas falas da maioria dos alunos que as linguagens artísticas estão presentes no dia-a-dia deles, sendo que cantam, tocam instrumentos musicais, desenham mesmo que seja por distração. Me senti bem satisfeita com as respostas, pois percebi que a arte está presente na vida deles. Essa pergunta sobre a arte em casa me induziu a perguntar sobre o que os pais acham do ensino de arte na escola. Alguns alunos não sabiam responder, pois nunca conversaram sobre esse assunto, mas também ouvi que os pais incentivam a desenhar comprando papel e tela para pintar, os pais também olham os cadernos, às vezes ajudam a fazer as atividades. Percebi nas respostas dos alunos que seus pais não falam sobre a arte, mas a percebem na escola, buscam envolver seus filhos com alguma linguagem artística mesmo que não a relacionem com a arte da escola.

6 PROPOSTA DE CURSO: A CIDADE QUE ME HABITA

O Trabalho de Conclusão de Curso está inserido no Art. 8º do CNE/CES 1/2009¹⁰ como componente curricular obrigatório para a formação do licenciado em artes visuais e exige, para seu cumprimento, a elaboração de um projeto de curso a ser ministrado sobre o tema que a pesquisa apresenta.

Após realizar esse Trabalho de Conclusão de Curso consegui identificar a carência de experiências que os alunos têm. Consegui perceber que o professor não leva para os alunos as linguagens artísticas como um todo e muito pouco da cultura da cidade. O aluno, por sua vez, com seu olhar atento necessita se envolver mais com a arte. Ter experiência que possibilite seu agir, seu pensar e seu viver. Acredito que a cidade é um meio que pode proporcionar experiências aos alunos. Pode despertar seus olhares para a cidade que moram, que vivem, que faz parte de sua história. Oliveira e Straico (2013, p.1054)¹¹. Trazem a seguinte reflexão:

A cidade e seus lugares, objetos, narrativas e memórias são elementos indicadores de possibilidades de inclusão do sujeito nos processos educativos em arte. O olhar sobre estes elementos faz despertar aquele que ali habita; faz vir à tona aspectos sutis relativos ao sujeito. O espaço onde se mora, o bairro, as ruas, ou a comunidade são construções expressivas de nossa relação com o mundo. É preciso reconhecer o lugar, compreender suas articulações, evidenciar suas qualidades e defeitos, mas é preciso reconhecê-lo como uma extensão de si.

Concordo com os autores, pois a cidade é onde moramos, vivemos e muitas vezes não a conhecemos, esquecendo como ela é rica em cultura em sua memória e história. Este projeto de curso intitulado A Cidade Que Me Habita, tem como ementa: Pesquisas, estudos e visitação com registro dos Espaços Culturais da cidade de Criciúma. Troca de experiências com Conversas, socialização e divulgação do Espaço Cultural envolvendo as linguagens artísticas e como objetivo geral: Contribuir com o ensino de arte no Ensino Fundamental da cidade de

¹⁰MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO CÂMARA DE EDUCAÇÃO SUPERIOR. Diretrizes Curriculares Nacionais elaboradas pela Comissão de Especialistas de Ensino de Artes Visuais. Rio de Janeiro: 2009

¹¹OLIVEIRA, Ronaldo. A.; Straico, Fernando. A. **Histórias do sujeito na formação em arte**. Ponta Grossa: 2013. Disponível em: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/humanas/article/view/5307/3778>

Criciúma, mostrando possibilidades que envolvam a cultura da cidade como meio de conhecimento artístico cultural e troca de experiências. Tem como público-alvo alunos e professores de escolas municipais da cidade de Criciúma. O projeto busca em seus objetivos específicos: Conhecer e vivenciar os espaços culturais da cidade de Criciúma; Promover possibilidades de mudanças nas aulas de Artes a partir da cultura local; Proporcionar espaços de troca de experiências entre os alunos possibilitando a eles serem autores de sua própria história; Ampliar o repertório artístico-cultural dos participantes; Envolver professores e alunos em estudos, pesquisas e visitas aos marcos culturais da cidade de Criciúma.

O projeto A cidade que habita em mim acontecerá em dez escolas Municipais da cidade de Criciúma, envolvendo professores e alunos do Ensino Fundamental. O projeto será desenvolvido na escola ao longo de um semestre, porém a socialização e troca de experiências dos alunos terá carga horária de 2 horas. Cada professor escolherá um Espaço Cultural da cidade de Criciúma para desenvolver as atividades juntamente com uma turma do Ensino Fundamental de sua escolha. Os professores e alunos deverão fazer pesquisas sobre a história do Espaço Cultural escolhido, visitar o local fazendo registros fotográficos e relatórios sobre a visita.

O relatório deve contemplar os seguintes aspectos: antes de visitar o espaço (se já conhecia, se já visitou, se ouviu alguma história) e depois da visita (como foi a visita, o que, mas lhe chamou a atenção, relacionou com a arte, como foi a visita, gostou ou não). Depois da visita, dos registros e do relatório pronto haverá uma socialização em cada sala de aula para que cada grupo perceba e avalie os pontos positivos e negativos do Espaço Cultural visitado. Após essa socialização a professora/professor de cada escola fará uma proposta para os alunos que envolverá a divulgação do Espaço visitado que será apresentado para outras escolas participantes do projeto. Nessa proposta de divulgação os alunos poderão fazer atividades, produções envolvendo a arte com suas linguagens artísticas (teatro, desenho, pintura, música, performance, dança, fotografia entre outras). A atividade será apresentada para a turma de alunos de outra escola que também participou do projeto. Em meio à socialização cada turma falará sobre a pesquisa, os estudos e sobre a visita apresentando e divulgando o Espaço com suas produções artísticas. Ao final dessa socialização e troca de experiências os professores

poderão envolver os alunos a socializar as experiências vividas com outras turmas da escola em que eles lecionam.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS: UMBARCO EM ALTO MAR

As inquietações, a curiosidade, o desejo de ser uma acadêmica pesquisadora foi o que me motivou a esta pesquisa. Em meio a angústias, tristezas, alegrias, sorrisos, empolgação me deparei com o meu eu mergulhado no viver de cada aluno que participou. Consegui perceber na trajetória de pesquisas e estudos as sensações que a experiência pode proporcionar, seja ela em alegrias ou dores. Me deparei em um caminho desconhecido, em seu início assustador, mas aos poucos me penetrou o mais profundo e me possibilitou criar e recriar o meu trajeto.

Nas idas e vindas em busca de refletir sobre o ensino de arte, ampliando assim conhecimentos sobre o que a arte proporciona na formação do sujeito, em meio às conversas percebi que os alunos sabem o que é arte, percebem a arte em suas linguagens, porém nas aulas de Artes é comum terem conteúdos repetidos nas linguagens do desenho e da pintura. Percebi sinceridade em suas falas e brilho em seus olhos, mesmo sem perceber os alunos levam sim o ensino de arte para casa, e também eles tem o desejo de entrarem em um barco que os leve a outros mundos, um mundo do inesperado, inusitado, um mundo de sensações que a arte pode proporcionar. Em seus olhares atentos percebi que sentem fome de experiência, aquela que para Larrosa (2002) é o que nos toca, nos passa, nos acontece.

O ensino de arte em suas linguagens tem possibilidades de levar os alunos a outros mundos e sensações, porém tem que ter alguém que as pegue pelas mãos e juntos mergulhem em um mar aonde as ondas vão e vem em conhecimentos e experiências. Esse alguém acredito que seja o professor, um professor forte, guerreiro, sonhador que mesmo com suas lutas do dia-a-dia, da correria do cotidiano tenha um olhar atento aos que estão sobre sua responsabilidade, que ele seja capaz de levar conhecimento, aprendizagem, experiências.

Em nenhum momento pensei em menosprezar professores e escolas, mas acredito que a escola deve ser um barco que possibilite aos alunos entrar em alto mar. Ao entrar em neste barco tudo poderá acontecer. Em meio ao sol e às tempestades os alunos se sentirão sempre seguros e sem medo de seguir em frente, pois o remo desse barco é o professor, e juntos poderão navegar pelos lugares mais profundos, o remo conduz o barco em meio às ondas desse mar que

para mim representa a arte. Essas ondas vão e vêm sem findar, entre ondas culturais, ondas artísticas, ondas que soam músicas para seus ouvidos, ondas que toquem no mais profundo sentimento, no mais profundo sonho. O sonho que despertará nos alunos, olhares para além do horizonte.

Todo conhecimento começa com o sonho. O sonho nada mais é que a aventura pelo mar desconhecido, em busca da terra sonhada. Mas sonhar é coisa que não se ensina, brota das profundezas do corpo, como a alegria brota das profundezas da terra. Como mestre só posso então lhe dizer uma coisa. Contem-me os seus sonhos para que sonhemos juntos. (ALVES, 2000, p. 87)

Rubem Alves fala do sonho que me remete ao que os alunos me fizeram sentir nessa pesquisa. Percebi que eles sentem, vivem, criam, sonham, contam sonhos, porém precisam que alguém escute esses sonhos para que juntos vivam intensamente cada sentimento que brota das profundezas do seu ser sensível.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubem. **A alegria de ensinar**. Campinas, SP: Papyrus, 2000.
- ARSLAN, Luciana Mourão; IAVELBERG, Rosa. **Ensino de arte**. São Paulo: Cengage Learning, 2007.
- BUORO, Anamelia Bueno. **O olhar em construção: uma experiência de ensino e aprendizagem da arte na escola**. 6. ed São Paulo: Cortez, 2003.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: arte / Secretaria de Educação Fundamental**. – Brasília: MEC/SEF, 1997.
- FARINA, Cynthia. Formação estética e estética da formação. In: FRITZEN, Celdon; MOREIRA, Janine. **Educação e arte: As linguagens artísticas na formação humana**. Campinas, SP: Papyrus, 2008. p.95-107.
- FELDHAUS, Marcelo. **Os Espaços Culturais de Criciúma e a Construção Do Olhar: Um Recorte Dos Diferentes Olhares Sobre a Cidade, a Arte e os Equipamentos Culturais**. 2006, 79 f. monografia (especialização) curso de Artes Visuais, UNESC Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2006. Disponível em: <http://www.bib.unesc.net/biblioteca/sumario/00002B/00002B99.pdf>. Acesso em 16 set. 2015.
- FERRAZ, Maria Heloísa C. de T.; FUSARI, Maria F. de Rezende e. **Metodologia do ensino da arte: fundamentos e proposições**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2009.
- GIOVANELLA, Alessandra. Invenções cartográficas – uma poética da criação: imagens cotidianas. In: CORREA, Ayrton Dutra. **Cartografias contemporâneas da arte-educação**. Santa Maria: Ufsm, 2008.
- GIL, A.C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2007.
- HONORATO, Aurélio, R.S. A formação de professores (re)significando nos espaços de narrativa. In: Fritzen, Moreira, Janine. (orgs). **Arte as linguagens artísticas na formação humana**. Campinas: SP: Papyrus 2008.
- _____, Aurélio Regina de Souza. **Trajetórias cartográficas na formação de professores e professoras de Artes: Espaços do Possível**. 2015. 133 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem, Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, 2015. Disponível em: <http://aplicacoes.unisul.br/pergamum/pdf/110516_Aurelia.pdf>. Acesso em: 09 nov. 2015.
- LARROSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Universidade de Barcelona. Espanha, 2002.
- LEITE, Maria Isabel. Experiência estética e formação cultural: Rediscutindo o papel da cidade e de seus equipamentos culturais. In: MAKOWIECKY, Sandra; OLIVEIRA, Sandra Ramalho. **Ensaio em torno da arte**. Chapecó, Argos, 2008.
- LISPECTOR, Clarice. **Água viva**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998c.

LORENZETI, Paulo. **Estudo sobre casas: formas de habitar a arte**. São Paulo, 2015, disponível em: <http://artenaescola.org.br/relatos-de-experiencia/relato.php?id=75930>. Acessado: 23 out. 2015 às 14hs.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 15ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO CÂMARA DE EDUCAÇÃO SUPERIOR. Diretrizes Curriculares Nacionais elaboradas pela Comissão de Especialistas de Ensino de Artes Visuais. Rio de Janeiro: 2009

MOREIRA, Janine. A ciência da universidade e a estética, a poesia, a sapiência da vida: o lugar da pesquisa como criação. In: Fritzen, Moreira. Moreira Janine. (orgs). **Arte as linguagens artísticas na formação humana**. Campinas: SP: Papyrus 2008.

OLIVEIRA, Ronaldo. A.; Straico, Fernando. A. **Histórias do sujeito na formação em arte**. Ponta Grossa: 2013. Disponível em: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/humanas/article/view/5307/3778>

PAULON, Simone. M; ROMAGNOLI, Roberta.C. **Pesquisa-intervenção e Cartografia: melindres e meandros metodológicos**. Rio de Janeiro: 2010.

PILLOTTO, Sílvia. S. D. A arte e seu ensino na contemporaneidade. In: MAKOWIECKY, Sandra: OLIVEIRA, Sandra Ramalho. **Ensaio em torno da arte**. Chapecó, Argos, 2008.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível: arte e política**. Tradução de Mônica Costa Netto. São Paulo: EXO experimental org. Ed.34, 2005a.

SANTA CATARINA, SECRETARIA DO ESTADO DA EDUCAÇÃO E DODESPORTO. **Proposta Curricular de Santa Catarina: Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio, Disciplinas Curriculares**. Florianópolis: COGEN, 1998.

ZAGONEL, Bernadete. **Arte na educação escolar**. Curitiba: ibpex. 2008.

ZURK, Bernardo. Imagina enquanto eu conto. In: FRITZEN, Celdon; MOREIRA, Janine. **Educação e arte: as linguagens artísticas na formação humana**. Campinas, SP: Papyrus, 2008.

APÊNDICE

ROTEIRO DE PERGUNTAS

No primeiro momento me apresentarei aos alunos falando meu nome, onde moro, logo falarei sobre meu curso e sobre minha pesquisa. Pedirei que eles se apresentem falando seu nome, idade e onde moram.

- O que é arte?
- E o ensino da arte o que representa para vocês?
- Na escola, como vocês percebem o ensino da arte?
- E as aulas de arte o que vocês mais gostam de fazer?
- Vocês acham que a arte é importante na formação profissional?
- Em uma palavra definam as aulas de artes?
- E fora da escola como vocês percebem a arte?
- Na sua casa como você sente a arte, ela esta presente no seu dia-a-dia?
- Seus pais o que eles acham de arte e do ensino da arte na escola?
- Eles perguntam sobre o que estão trabalhando em sala de aula?
- Qual a profissão que vocês almejam para o futuro?
- Vocês acreditam que a arte pode ajudar a nas suas profissões?
- A arte pode ajudar na formação de um cidadão capaz de respeitar as diversidades?
- vocês gostam de algum artista? Qual? Por quê?
- E na cidade vocês já viram ou visitaram obras?
- Na visão de vocês como a escola permite que a arte chegue até vocês?
- E como vocês levam esse ensino?
- E tem espaço para a arte na casa de vocês?

